

ENSAIO

Recebido em:  
25/10/2012

Aceito em:  
11/03/2013

*Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan./abr., 2013. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2013v18n36p231

## **Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação**

### *Bibliotherapy in Information Science: Communication and Mediation*

Mariana Giubertti GUEDES<sup>1</sup>  
Sofia Galvão BAPTISTA<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O artigo apresenta uma reflexão crítica sobre a Biblioterapia como objeto de estudo da Ciência da Informação (CI) e avalia, nesta perspectiva, as características intrínsecas da Biblioterapia dentro da fundamentação da CI, destacando aspectos cognitivos, sociais e interdisciplinares. Pela aplicação variada, a Biblioterapia tem várias definições, indicadas neste artigo, cujos processos são analisados do ponto de vista de diversos autores. Analisam-se princípios da Ciência da Informação e do processo comunicacional para a comparação com a Biblioterapia. Neste contexto, destaca-se a atuação biblioterapêutica como uma forma de comunicação e mediação da informação, sendo avaliado o processo comunicacional (seleção, leitura e interpretação de textos com indivíduos) e o profissional mediador (biblioterapeuta).

**PALAVRAS-CHAVE:** Biblioterapia. Mediação da Informação. Comunicação da Informação. Mudança cognitiva. Bibliotecário.

#### **ABSTRACT**

This article presents a critical reflection on Bibliotherapy as an object of study in Information Science. From this perspective, it evaluates the intrinsic characteristics of Bibliotherapy within the grounds of Information Science, emphasizing cognitive, social and interdisciplinary aspects. For its various applications, Bibliotherapy has several definitions given in the article and analyzed from the viewpoint of various authors. This article also examines the principles of Information Science and the communication process in order to make a comparison with



v. 18, n. 36, 2013.  
p. 231-253  
ISSN 1518-2924

<sup>1</sup> Universidade de Brasília - [mari\\_biblio@hotmail.com](mailto:mari_biblio@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade de Brasília - [sofiag@unb.br](mailto:sofiag@unb.br)



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Bibliotherapy. In this context, we highlight the performance of Bibliotherapy as a form of communication and mediation of information, and evaluate the communication process (selection, reading and interpreting texts with individuals) as well as the mediator professional (bibliotherapist).

**KEYWORDS:** Bibliotherapy. Mediation of Information. Information Communication. Cognitive Change. Librarian.

## **1 INTRODUÇÃO**

A Biblioterapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida, fazendo-as enfrentar seus medos, anseios, problemas e situações difíceis. Não é o ato de ler que possibilita essa situação, mas a interpretação de informações importantes e a sua utilização com o propósito modificador e transformador.

A análise da Biblioterapia, como tema de estudo dentro da Ciência da Informação, se baseia na premissa que características cognitivas, interdisciplinares e sociais podem estar associadas a ela, o que a identifica como um estudo voltado para comunicação e mediação da informação. Já o Bibliotecário é analisado como um profissional da informação cujo papel, dentro da Biblioterapia, é o de mediador da informação.

## **2 CARACTERÍSTICAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

A Ciência da Informação é uma área que surgiu da necessidade de organização, controle, recuperação, disseminação e uso crescente da informação devido à explosão informacional ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, somada à inserção de novas tecnologias no cotidiano da sociedade (SMIT; TÁLAMO, 2007), sendo seu objeto de estudo a informação. A evolução de seu estudo proporcionou um entendimento cada vez mais interdisciplinar da área e de sua atuação na sociedade. A Ciência da Informação ao longo do tempo foi fundamentada por sua característica social, cognitiva e interdisciplinar.

Nas Ciências Sociais e Humanas, a informação teve destaque com a revolução cognitiva na Psicologia, mas nesse contexto é pouco estudada.

Quando isso acontece, utiliza-se uma abordagem humana, “[...] extraindo informação através de propriedades físicas e químicas dos estímulos sensoriais [...]” (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 170).

Mas [...] o uso da palavra informação indica uma perspectiva específica, a partir da qual o conceito de comunicação do conhecimento tem sido definido. Esta perspectiva inclui características como novidade e relevância, ou seja, refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico. A discussão leva às questões de por que e quando este significado foi designado com a palavra informação (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 150).

Sobre os aspectos sociais da Ciência da Informação, Le Coadic (2004) defende que esta é uma ciência que se preocupa com a necessidade do indivíduo suprir certa demanda informacional, situando-se no campo das ciências sociais, onde há busca de entendimento da realidade social e cultural. O autor também considera a interdisciplinaridade um aspecto da Ciência da Informação, justificado pelas diversas áreas que, cooperando entre si, contribuiriam para seu estudo e fundamentação, entre elas a Sociologia, Psicologia, Linguística, Informática e Matemática.

Outro fator considerado na Ciência da Informação é a característica cognitiva, identificada na preocupação em relação à dinâmica intelectual e à evolução do conhecimento. Wersig (1993), ao analisar a CI, defende que houve uma mudança no papel do conhecimento, com perda de personalidade no processo de comunicação e fragmentação deste. Deste modo, no processo estão envolvidas a produção, a representação e a necessidade de conhecimento.

A informação pode ser explicada como algo que propicia uma mudança no conhecimento de um indivíduo, porém, tal situação só se concretiza se há o reconhecimento de uma informação relevante para o desenvolvimento cognitivo. Brookes (1980) elabora uma equação demonstrando a relação de informação e conhecimento:  $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$ , sendo  $K[S]$  a atual estrutura cognitiva;  $\Delta I$  a informação,  $K[S + \Delta S]$  a estrutura cognitiva modificada e  $\Delta S$  o efeito da modificação. A complexidade da mudança cognitiva não é mensurável,

então essa equação não deve ser entendida através da lógica matemática, mas como uma representação do comportamento cognitivo do ser humano com a informação.

Capurro (2010) defende que o conhecimento é adquirido pelo processo de comunicação e que a informação é uma dimensão existencial do nosso estado de convivência com os outros no mundo. Para o autor, nosso modo de ser é, de acordo com a hermenêutica, diferente de outros e a existência do termo é um indicador dessa diferença. A Comunicação, no sentido de compartilhar, é um traço específico de estar no mundo. Aqui reside o fundamento existencial da Ciência da Informação, pois a informação, no sentido existencial-hermenêutico, significa compartilhar um mundo comum. A informação, portanto, não é o produto final de um processo de representação, ou algo transportado por indivíduos, ou algo separado a partir de uma subjetividade, mas uma dimensão existencial do ser humano no mundo com outros indivíduos.

O processo de construção do conhecimento se dá por meio de um movimento complexo, no qual os sujeitos interagem entre si, mas também com as informações, processando-as para, a partir de seus enquadramentos, de suas possibilidades cognitivas, se apropriarem dos conteúdos acessados. Desse modo, o processo de construção do conhecimento dependente, também, da interação com o acervo simbólico transmitido através de suportes e ambientes que se ocupam da preservação e do acesso aos conteúdos informacionais que subsidiam o desenvolvimento das práticas do conhecer (GOMES, 2008, p. 1).

A informação pode ser identificada como propriedade da mensagem. Neste sentido, resulta da interação de duas estruturas cognitivas: a mente e o texto externo (mensagem) que envolve o processo cognitivo e o ato de compreender. Determinada informação pode modificar a estrutura cognitiva de um indivíduo. Essa modificação advém de um processo em que a informação passa de seu surgimento até a sua recuperação e uso, denominado fluxo da informação ou ciclo informacional.

Duarte (2009) esquematiza o ciclo informacional e infere que a comunicação possibilita a evolução do conhecimento. O foco de sua

interpretação não demonstra as etapas da informação no ponto de vista da gestão, mas sim no ponto de vista da evolução cognitiva. As etapas são: “Informação”, “Conhecimento”, “Desenvolvimento” e “Comunicação”, todas organizadas em uma estrutura cíclica. A etapa de “Desenvolvimento” seria a forma em que o indivíduo vivencia seu novo estado de conhecimento, possibilitando-o comunicar-se. Portanto, a mediação e a comunicação da informação se tornam essenciais para que o ciclo informacional se concretize, pois é o que une a informação e o indivíduo. Uma forma de comunicação da informação é vista na interação de bibliotecário e usuário e no tratamento que visa a seleção e posterior disseminação da informação, cuja recuperação é o objetivo de todo o processo de gestão.

### **3 PRINCÍPIOS DA BIBLIOTERAPIA**

As atividades biblioterapêuticas permitem ao indivíduo entender uma situação conflitante mediante leituras e suas interpretações, sendo um ato favorável a todos que necessitam superar a incapacidade de lidar com determinadas situações. Todo o processo não se resume à designação de pessoas para um momento de leitura; antes disso há planejamento e análise da realidade dos participantes para um resultado efetivo. Ao ler ou ouvir uma história devidamente selecionada, o leitor se depara com um personagem com quem pode se identificar e participar de sua experiência, distanciando-se de seus próprios problemas e, dessa forma, encontra a possibilidade de encarar seus conflitos sem medo, ansiedade ou autocrítica.

Através da Biblioterapia, pode-se constatar o nível emocional, social e cultural de cada paciente bem como o seu grau de depressão e ansiedade, sua própria reação à (sic.) sugestão de leitura e alusão a outros livros ou histórias podem trazer informações importantes (FONTENELE et al, 1995, p. 16).

O ser humano, por meio da leitura, pode ter um envolvimento emocional com o texto, aplicando o que leu em sua própria vida. A literatura, ao

proporcionar catarse<sup>3</sup>, se torna um aliado no envolvimento do leitor com a informação do texto. Segundo Ouaknin (1996), a Biblioterapia é, antes de tudo, uma filosofia existencial, sendo também uma filosofia sobre a leitura, segundo a qual o homem constroi uma relação com o livro.

Conforme Caldin (2001), a leitura possibilita ao homem compreender o texto e se compreender, pois na interpretação o leitor passa a fazer parte do texto. A interpretação é a união da explicação objetiva do texto e de uma compreensão subjetiva. A Biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura com a interpretação dos textos.

Indivíduos podem buscar a prática da leitura por razões distintas, como, por exemplo, entretenimento, aprendizado, pesquisa, entre outros. No caso da leitura terapêutica, o objetivo é modificar o estado de consciência do indivíduo, mudando sua percepção sobre situações diversas. A leitura terapêutica proporciona uma relação mais profunda com o texto, pois é uma atividade interativa baseada no diálogo. Segundo Ouaknin (1996), o diálogo é o fundamento da Biblioterapia, pois as etapas de entendimento do texto incluem a interpretação em grupos com troca de informações, além de proporcionar a garantia de que o indivíduo não está sozinho.

Os objetivos de aplicação da Biblioterapia dependem da necessidade do(s) indivíduo(s) que se busca orientar. A aplicação da Biblioterapia, de acordo com Marcinko (1989), têm diferentes objetivos, entre estes: desenvolvimento pessoal ou processo clínico de cura. O trabalho da Biblioterapia não se restringe a um tipo único de tratamento; sua aplicação é de caráter tanto preventivo quanto corretivo, podendo ser então classificada em três tipos: institucional, clínica e desenvolvimental.

Há outros profissionais que vêem a variação biblioterapêutica de outra maneira. Vicente (2000), por exemplo, entende que a atividade tem três variantes: a) ajuda ao processo terapêutico; b) terapia própria e c) disciplina de desenvolvimento e crescimento pessoal. Hasse (2004) entende dois tipos de Biblioterapia, o primeiro sendo uma atividade que tem a orientação de um profissional e o segundo aquele em que não há intervenção externa, como uma

---

<sup>3</sup> Componente biblioterapêutico que desenvolve no leitor sensação prazerosa.

autoajuda. O primeiro tipo pode ocorrer de duas maneiras: leitura sugerida para o paciente e leitura realizada em sessão com o terapeuta.

Rosa (2006) categoriza a variação da Biblioterapia como arte ou ciência. A aplicação como arte seria a utilização de tal para cura com profissionais que não são ligados à área médica. Nessa categoria, busca-se a autoajuda com a seleção de livros para o próprio indivíduo se beneficiar, sem intervenção terapêutica de terceiros. Por sua vez, a aplicação como ciência foca o tratamento de problemas emocionais, acompanhados da orientação de um profissional da saúde. “Em síntese, a Biblioterapia como ciência requer um planejamento cuidadoso, conhecimentos médicos e considerações psicológicas” (ROSA, 2006, p. 27). Nesse mesmo contexto, Bryan (1939) defende que na Biblioterapia pode haver ciência, mas destaca que o campo precisa de um corpo de pesquisadores, cientistas que aprimorem o estudo da área. Outra forma de lidar com o questionamento da arte e da ciência na Biblioterapia, segundo Pereira (1996), é considerar os dois como aspectos e não como tipos.

Na pesquisa realizada por Pereira (1996), ela identificou outra subdivisão da Biblioterapia, explícita e implícita, em que os termos são usados para distinguir a terapia. A implícita é aquela utilizada por conselheiros de leitores e a explícita é feita por terapeuta treinado.

Hasse (2004) considera a Biblioterapia praticada por terapeuta como uma ciência, já a praticada por bibliotecários como uma arte, ou seja, a atividade realizada por bibliotecário não tem competência terapêutica. Com relação ao fator terapêutico da atividade, Ouaknin (1996) diz que a diferença entre a Biblioterapia e a Psicoterapia é que, na Biblioterapia, o contato é realizado por leitores, podendo cada um desempenhar o papel de terapeuta com o outro, enquanto que na Psicoterapia, é o encontro entre paciente e o terapeuta, podendo ser realizado um trabalho conjunto.

O processo de Biblioterapia é tão variado quanto as suas definições, porém sua aplicação segue uma lógica. É um processo que possui vários componentes que auxiliam na efetividade da aplicação, os quais surgem no seu decorrer.

De acordo com Caldin (2001, 2005), os componentes terapêuticos são:

- Catarse - pacificação das emoções;
- Humor - fator que transforma objeto de dor em objeto de prazer;
- Identificação - assimilação que ocasiona a transformação;
- Introjeção - passar para dentro de si, de modo fantasístico, qualidades do outro;
- Projeção - transferência de idéias, sentimentos, expectativas e desejos;
- Introspecção - reflexão, percepção interior.

Em contrapartida, Silverberg (2003) visualiza a proximidade do processo biblioterapêutico com a Psicoterapia, tendo como diferencial a inclusão da análise do resultado. Para Silverberg (2003), o processo conta com mecanismo de mudança e mecanismo de defesa do indivíduo, sendo que para alcançar o objetivo da atividade é essencial o interesse dos indivíduos em participar e dar oportunidade ao processo de comunicação e interpretação.

O resultado positivo da aplicação, segundo Silverberg (2003), é provocado pelos “mecanismos de mudança” do indivíduo em aceitar a atividade como um processo de mudança, já a estagnação ou o resultado negativo é resultado de mecanismos de defesa, em que o indivíduo não permite à atividade modificá-lo. Na Biblioterapia, os mecanismos de mudança expandem a consciência do indivíduo para a visão das questões pessoais e de suas possíveis soluções.

O diferencial da abordagem de Silverberg (2003) é a conceituação de introjeção e projeção, definidos como um respaldo negativo do paciente-leitor e inseridos no mecanismo de defesa, em que este se isola da atividade e se protege do trabalho de interpretação e compreensão das informações. Diferente da conceituação de Caldin (2001), que define os dois elementos como uma interação do texto com o leitor, sendo essencial para atividade.

Apesar de variados, os princípios da Biblioterapia convergem para a ideia de auxiliar indivíduos e proporcionar melhoria na qualidade de vida. Outro

ponto convergente é o uso do diálogo na aplicação, pois é o que permite ao indivíduo perceber interpretações de sua situação.

#### **4 BIBLIOTERAPIA, COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

A Ciência da Informação tem várias vertentes que podem ser estudadas, dentre as quais está a comunicação da informação. O processo comunicativo no ciclo informacional é de extrema importância, pois proporciona o suprimento de necessidades informacionais ao usuário. A comunicação tem uma função social, unindo os indivíduos e o conhecimento. Breton e Proulx (2011) defendem a crescente importância social da comunicação por entenderem que a transformação intelectual da sociedade é consequência do ato comunicacional, pois a partir “[...] do século XIX, a comunicação social organiza-se em torno da mensagem e da circulação” (BRETON; PROULX, 2011, p. 58).

Ainda segundo Breton e Proulx (2011), as técnicas de comunicação tiveram um aumento de sua importância em determinados períodos da história, como, por exemplo, na Revolução Romana, no Renascimento e na Revolução Francesa.

Os grandes momentos históricos em que a comunicação social conheceu um grande desenvolvimento parecem corresponder a períodos em que a representação de pessoa humana e de seu lugar no grupo social sofria, também ela, transformações importantes: a instituição da cidadania romana e a idéia de contrato na Antiguidade, ou ainda a [...] mudança que a afirmação da noção de soberania popular representou na época da Revolução Francesa são exemplos maiores. A partir do momento em que o grupo social era liberado do domínio de um soberano e que se distinguia o indivíduo do grupo pela atribuição de uma cidadania, a comunicação e suas técnicas assumiam uma função essencial: manter o indivíduo no grupo, assegurar a permanência de um elo social. (BRETON; PROULX, 2011, p.231).

Sua evolução está atrelada às transformações sociais, e com o tempo a comunicação mudou de sentido; o que antes ocorria no sentido vertical, de soberano e súditos, passou a ocorrer horizontalmente, entre cidadãos iguais em

direitos. As mídias, a telecomunicação e a tecnologia são fatores que influenciaram a evolução da comunicação, atribuindo-lhe caráter mais democrático e dinâmico.

Da mesma maneira que a sociedade evoluiu no que diz respeito ao ato democrático de comunicação, as bibliotecas mudaram sua estrutura de uma organização, antes preocupada apenas com a preservação de informação, para uma busca de disseminação desta informação, focando seus serviços no usuário e nas suas necessidades informacionais. Essa mudança, no entanto, não desvalorizou a necessidade de preservação da informação, mas adaptou seus objetivos para uma sociedade que busca o conhecimento e acesso a informações.

Comunicação e mediação são termos tratados diferentemente na literatura da área da Ciência da Informação, sendo que a comunicação da informação se restringe ao ato, ou seja, seu estudo foca o entendimento do processo e de seus elementos: sujeito, mensagem, sinal, *feedback*, entre outros. A mediação da informação, por sua vez, está relacionada ao processo de suprir necessidades informacionais, destacando-se aí o papel do profissional mediador. Nesse contexto, dois pontos podem ser explorados na interpretação da Biblioterapia no processo comunicativo: seu caráter como processo e a aplicação como forma de mediação da informação.

Conforme exposto, informação e conhecimento são conceitos básicos de entendimento na área de Ciência da Informação, mas também são elementos do processo de comunicação. Le Coadic (2004) relata o desenvolvimento cognitivo que ocorre quando da evolução de um dado para informação e conhecimento. Já a transferência de informação pode ser entendida como comunicação. Segundo o autor, a comunicação é o processo intermediário que permite a troca de informação entre as pessoas, e o conhecimento depende da interação e do compartilhamento de ideias e conceitos.

Na comunicação, pode-se analisar duas vertentes: o diálogo e a transformação cognitiva. A primeira vertente baseia-se na troca de mensagens entre indivíduos, enquanto a segunda vertente considera a codificação e decodificação da mensagem. Duarte (2009, p. 62-63) afirma que:

[...] no processo de comunicação, o chamado sujeito comunicante, imerso numa realidade social particular, ao elaborar uma mensagem (conjunto de dados, quer seja manuscritos, quer através de imagens, ícones, sons, gestos, etc.) tem como ponto de partida seu próprio contexto social, sua gama de conhecimentos individuais e coletivos. Não é apenas a partir desta vivência que ele elabora seu discurso portador de sua mensagem. Leva em consideração, ainda, o receptor (sujeito interpretante) que deseja atingir: qual é a sua realidade psico-socio-cultural, quais são os seus conhecimentos prévios, de que modo ele provavelmente irá refigurar a mensagem recebida. O objetivo do sujeito comunicante é que a mensagem produza a informação desejada no sujeito interpretante a quem ela se destina. Portanto, a mensagem deve gerar um processo de informação capaz de alterar o estado de conhecimento do receptor.

A etapa cognitiva do processo remete à equação<sup>4</sup> de Brookes (1980), que, segundo o autor, não deve ser lida como uma análise matemática, mas como um esquema que demonstra a complexidade desse processo cognitivo, o qual não consiste na simples adição de conteúdo, mas sim em uma reestruturação do estado atual de conhecimento. Dessa forma, entende-se, no contexto informacional, a comunicação como processo em que o indivíduo absorve mensagem (ou informação) transformando-a em conhecimento que é comunicado como mensagem, passado a outra pessoa que o absorve e assim por diante.

Um elemento muito importante ao se considerar a comunicação é o ruído, sendo entendido como uma dificuldade da mensagem em ser recebida e entendida, ou seja, uma falha nesse processo. Várias coisas podem influenciar positivamente e negativamente o ato da comunicação, por exemplo, o uso de tecnologia da informação como canal do conhecimento e um novo conjunto de possibilidades para tratar da informação. Se todos os agentes envolvidos no ato comunicativo tiverem acesso e entenderem a tecnologia utilizada, este processo será eficiente, mas se houver alguma falha no entendimento da tecnologia ou no acesso à esta, tal ferramenta se torna um ruído na comunicação.

---

<sup>4</sup>  $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$

Considerando o contexto da comunicação da informação, Orsini (1982) defende que a Biblioterapia é um modo de comunicação, pois é uma atividade que contém elementos como emissor, receptor e mensagem, tendo um ciclo com *feedback* e possíveis ruídos. Comprovando tal afirmação, busca-se contextualizar a atividade biblioterapêutica com as variáveis abordadas.

A atividade é fundamentada no compartilhamento de informação do biblioterapeuta com os participantes da atividade, geralmente por meio de leitura de histórias. Cada um interpreta a informação em um processo cognitivo individual e posteriormente externa sua opinião num segundo momento de compartilhamento coletivo. No diálogo, pode-se considerar indivíduos participantes da atividade biblioterapêutica, pois nesse processo são realizadas decodificações cognitivas das mensagens (interpretações das informações adquiridas na leitura). O conceito de comunicação representa o próprio processo biblioterapêutico que possibilita a troca de informações e interpretações. A atividade biblioterapêutica deve ser realizada com métodos estabelecidos e bem executados pelo profissional, porque

[...] nenhum sistema de comunicação está isento de possibilidade de erros. Todas as fontes de erros são agrupadas sob a mesma denominação de ruído ou distúrbio. Se a taxa de ruído é baixa, temos possibilidade de boa informação [...] o ruído pode ocorrer em qualquer dos estágios de um canal. (PIGNATARI, 2008, p. 22-23).

Outra vertente da comunicação no processo da Biblioterapia é a própria leitura terapêutica. Silva (1996) estuda essa vertente na fenomenologia<sup>5</sup> e, buscando um aprofundamento da questão, defende um padrão diferente da comunicação horizontal (relação emissor-receptor), tendo a verticalização da representação da intenção e dos significados dos elementos com o mundo. Essa interpretação mostra um fenômeno da comunicação que deixa de considerar apenas a tríade emissor-mensagem-receptor para dar lugar à relação de um “ser-no-mundo-com-os-outros-através-de-signos” (SILVA, 1996, p. 74).

Segundo Silva (1996), a comunicação é caracterizada por 4 (quatro) estruturas: do sujeito, da mensagem, do código e do mundo. A estrutura do

---

<sup>5</sup> Ramo da ciência que trata da descrição e classificação de seus fenômenos (MICHAELIS, 2007, online).

sujeito (emissor) é definida pelo sujeito do discurso, que tem uma relação única com o mundo, sendo que sua existência depende das experiências vividas. Sua relação com o mundo se dá mediante a intencionalidade, ou seja, a consciência dialética entre o indivíduo e o mundo.

A estrutura da mensagem é portadora de um significado gerado pelo diálogo do emissor com o mundo, sendo esta mensagem destinada a um receptor que percebe a sua estrutura por um código linguístico. A estrutura do código se caracteriza pela compreensão, em que há um domínio comum aos sujeitos da comunicação. A mensagem é influenciada pelo mundo, pois é considerada a situação dos sujeitos, podendo ser renovada e transformada. Já a estrutura do mundo se constitui na intersubjetividade da dialética do indivíduo no mundo, tendo uma complexidade de aspectos significativos que se relacionam entre si. A existência do indivíduo, para o autor, se baseia na existência do mundo.

A comunicação, vista pela interpretação fenomenológica de Silva (1996), permite uma identificação com a leitura terapêutica, pois destaca a relação da leitura com o indivíduo e sua vivência como fator de identificação e mudança. Mesmo a leitura sendo uma etapa no processo biblioterapêutico, sua aplicação por si só já se insere no ponto de vista da comunicação.

A comunicação, por si só, não é suficiente para a evolução do conhecimento, pois necessita também de uma informação que vá ao encontro do indivíduo. Tal fato está relacionado à necessidade informacional, cuja relevância depende de três aspectos do indivíduo (usuário): problemas a serem resolvidos, a sua natureza de conhecimento atual e suas qualificações (HJØRLAND, 2002).

Na evolução dos serviços da biblioteca, destacam-se os bibliotecários como mediadores, que buscam informações para determinada necessidade, atendendo o usuário, auxiliado-o com os serviços oferecidos pela biblioteca e sendo um intercessor. Na discussão sobre mediação e o bibliotecário, Almeida Júnior (2008) defende a mediação em todo o processo em que o bibliotecário lida com a informação, não só na disseminação.

Mediação da Informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia

a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional (ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 46).

Vários profissionais podem ser considerados mediadores da informação, como por exemplo, professores, jornalistas e bibliotecários. Todos esses profissionais lidam com um processo de descoberta de novos saberes e permitem que pessoas mudem seu estado cognitivo pelo entendimento de informações passadas, junto ao conhecimento atual. A mediação da informação, portanto, se torna um processo crucial no ciclo informacional.

Há várias formas de mediar a informação, seja por meio da comunicação em massa (jornal, televisão, rádio entre outros), por instituições de ensino e pesquisa ou centros de informação. Porém, esse processo não se restringe a um local de disseminação da informação; pode ocorrer por intermédio de uma atividade. Ouaknin (1996, p. 21) defende que a própria leitura terapêutica é um ato de disseminação de palavras com sentidos (informação), com a natureza basicamente comunicativa e baseado na hermenêutica<sup>6</sup>.

A Biblioterapia como mediação da informação é reconhecida no trabalho de profissionais que selecionam materiais informacionais adequados para disseminar informações às pessoas com determinadas necessidades. Almeida Junior e Bortolin (2007) destacam que o mediador tem a responsabilidade de acompanhar o leitor, e enfatizam que a inexperiência do bibliotecário pode trazer uma insegurança no ato da mediação. O compartilhamento do ato de ler é também uma ação do mediador da informação, não sendo apenas a indicação de textos e leitura, pois ele "deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispondo a discutir e trocar idéias a respeito do que lêem". (ALMEIDA JUNIOR; BORTOLIN, 2007, p. 11).

---

<sup>6</sup> Arte de interpretar o sentido das palavras, das leis, dos textos etc. (MICHAELIS, 2007, online).

## **5 BIBLIOTECÁRIO, BIBLIOTERAPEUTA E MEDIADOR DA INFORMAÇÃO**

A Biblioterapia é uma atividade em que se utilizam materiais bibliográficos e/ou atividades lúdicas para auxiliar pessoas com problemas emocionais e sociais, buscando uma melhoria de qualidade de vida e um melhor enfrentamento de problemas. No processo biblioterapêutico, profissionais qualificados proporcionam momentos de leitura e interpretação de argumentos capazes de modificar o estado cognitivo do grupo trabalhado. Esses profissionais são nomeados biblioterapeutas e podem ser de diversas áreas de atuação profissional: médicos, psicólogos, psiquiatras, professores, bibliotecários entre outros. Esses profissionais são mediadores da informação, pois eles transferem informações interpretadas às pessoas e permitem o desenvolvimento cognitivo.

Hasse (2004), profissional da área de Comunicação, questiona a participação do bibliotecário nessas atividades, afirmando que o bibliotecário é inapto para aplicar tal atividade, pois necessita de uma capacitação diferente do que o curso exige do futuro profissional. Com relação à preparação bibliotecária, Caldin (2010) afirma que para o bibliotecário que busca aplicar tal atividade, é necessário ter um perfil social de profissional, e inclusive ter uma estrutura emocional, física e moral estável, e ressalta que esse bibliotecário está apto para ser aplicador da Biblioterapia, não para ser biblioterapeuta.

Pereira (1996) defende o bibliotecário como biblioterapeuta, porém, atuaria em conjunto com outros profissionais, sendo de seu encargo lidar com os livros no que diz respeito à seleção, aquisição, manutenção e distribuição, além de avaliação da atividade. Hanningan (1962) compara o bibliotecário a um farmacêutico, pois disponibiliza os livros prescritos, podendo sugerir tanto leituras como a atividade com o paciente - mas isso seria uma evolução para se chegar ao biblioterapeuta, no momento em que os médicos repassarem a responsabilidade.

A Biblioterapia associa-se à Ciência da Informação destacando sua participação em entender as premissas do processo informacional, principalmente na manipulação documental. O bibliotecário, como profissional

da informação, é um agente de mediação da informação com responsabilidades sociais.

Mais do que a informação, o bibliotecário deve estar preocupado com a mediação da informação. Hoje, nossa reflexão aponta para a mediação – muito mais do que a informação – como o objeto principal da Biblioteconomia e, portanto, do fazer bibliotecário. Tendo a mediação como diretriz, como norte, como objeto, o bibliotecário pode alterar, pode transformar sua ação social, não a ideal, mas a real. (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p. 85).

Em relação ao papel social do mediador, Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 3) enfatizam que o profissional mediador pode interferir eticamente no cotidiano da pessoa, fomentando a busca de informação e de leituras, e, por meio destas, um conhecimento adquirido se torna uma construção constante da vida. Dentro da atuação do biblioterapeuta está a seleção de material utilizado, leitura de histórias ou textos, interpretação e discussão de informações concedidas na leitura e difusão do conhecimento adquirido. Gumieiro e colaboradores (2007, p. 41) enfatizam que “[...] o bibliotecário deve, juntamente aos demais profissionais envolvidos com a Biblioterapia, conduzir a informação de que necessitem e exercer o papel social de contribuição para a sociedade”.

O grupo trabalhado, ou usuário, necessita ter a informação que vá ao encontro de sua necessidade, e o biblioterapeuta deve ter capacidade para mediar a informação. A característica mediadora do profissional é essencial para que a atividade seja aplicada corretamente e com sucesso frente aos seus objetivos. A relevância da Biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário, por sua vez, pode ser aceita, visto que a sua atuação é

[...] capaz de levar as bibliotecas a desenvolverem atividades biblioterapêuticas, a fim de incentivar a socialização das informações, e assim constituir um meio de unir as necessidades informacionais da sociedade com o papel social que o bibliotecário deve exercer. (SILVA; PINHEIRO, 2008, p. 3).

A formação bibliotecária é um fator que influencia o profissional na sua relação com a aplicação da Biblioterapia. Silva e Pinheiro (2008, p. 2) justificam

que “é notória a existência de um número reduzido de cursos de Biblioteconomia que oferecem formação adequada às competências exigidas para o bibliotecário desenvolver práticas biblioterapêuticas”. Por isso, na Biblioterapia, como mediador da informação e do conhecimento, o bibliotecário deve definir seu papel para então preparar-se com cursos ou especializações. Nesse contexto, Pinto (2005) questiona a atuação do bibliotecário e conclui:

[...] a Biblioterapia é uma seara de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo. É (sic) interessante que, nas discussões travadas no âmbito dos cursos de Biblioteconomia, em virtude da implantação dos seus projetos políticos pedagógicos, a Biblioterapia como locus de ação do profissional de informação (bibliotecário) também seja contemplada, de maneira a oferecer (sic) oportunidades aos que buscam conhecimentos sobre esta disciplina (PINTO, 2005, p. 42).

Em relação à ação social do bibliotecário, Valetim (2002, p. 118) afirma que a formação do profissional da informação deve atender à determinada demanda social, enquanto que Smit e Barreto (2002, p. 22) pontuam questões importantes na formação profissional do bibliotecário, que seriam: o tratamento da informação e a compreensão tanto de sua origem como de suas finalidades sociais.

A formação profissional determina a atuação do profissional. Sobre a questão, Walter e Baptista (2008, p. 87) afirmam que “a formação é fundamental para atender tanto aos anseios da sociedade quanto aos do próprio indivíduo que escolheu, por algum motivo, seguir determinada carreira”. Alves (1982, p. 56) afirma a dificuldade de reconhecer o bibliotecário como biblioterapeuta e traz à tona uma nova terminologia: o bibliotecário clínico. “Seria ele um profissional com conhecimento de Psicologia e relações humanas, especialmente treinado para essa atividade.” (ALVES, 1982, p. 56).

Ratton (1975), por exemplo, foca a aplicação da Biblioterapia no meio médico, na Biblioterapia clínica, para auxiliar pacientes, indicando o profissional

de saúde o principal atuante. Segundo Hannigan (1962), neste tipo de aplicação, o bibliotecário sugere leituras e auxilia pacientes quando eles vão à biblioteca.

Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 399) defendem a Biblioterapia tanto como uma atividade relevante para os usuários como também uma atuação válida para o bibliotecário: “[...] as atividades relacionadas à Biblioterapia (sic) são ótimas para o desenvolvimento da criatividade, incentivo ao gosto pela leitura e a pacificação das emoções”. Pereira (1996) pontua que a prática profissional da Biblioterapia somada a estudos detalhados e conscientes dos livros tem como resultado uma atividade próspera a todos os envolvidos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Biblioterapia pode ser entendida como uma técnica de seleção de literatura dirigida para diversas questões, de forma a contribuir para a melhoria do indivíduo, em sua condição específica. A Biblioterapia é um campo de estudo da Ciência da Informação por ter características de um processo de comunicação da informação que visa à mudança cognitiva do indivíduo, resultando na evolução do conhecimento pessoal. Mas a Ciência da Informação não é a única ciência a estudá-la, pois a atividade tem uma estruturação complexa de aplicação, tendo a necessidade de entendimento de outras áreas sociais e de saúde.

Responsabilidade social, mudança cognitiva, interdisciplinaridade na atuação, comunicação informacional, informação como objeto e profissional atuante são características que aproximam a Ciência da Informação à Biblioterapia. A atividade biblioterapêutica é válida nas práticas sociais de desenvolvimento humano, suprindo necessidades informacionais e emocionais, podendo, portanto, identificar, nos fundamentos da Ciência da Informação, pressupostos que permitam à Biblioterapia ser um tópico de estudo dessa ciência.

A informação é o objeto de estudo da Ciência da Informação, abrangendo o estudo de suas propriedades e os processos de construção, comunicação e uso. A Biblioterapia tem a informação como objeto essencial para a execução da

atividade, sendo que todo o processo é estruturado pela informação fornecida. Tal informação, portanto, é comunicada em um processo em que, para a Ciência da Informação, há a mediação da informação para o usuário e para circulação de conhecimento. Já na Biblioterapia, a mediação da informação tem como foco a interpretação e a associação do conhecimento. O resultado dessa comunicação é a mudança cognitiva, diferentemente da CI, para a qual há o desenvolvimento do estado de conhecimento. A Biblioterapia, no entanto, visa promover a mudança de estado cognitivo para o amadurecimento pessoal, emotivo e/ou profissional.

Do ponto de vista da responsabilidade social, a Biblioterapia tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida do indivíduo, suprimindo sua necessidade informacional, enquanto a Ciência da Informação tem vertentes sociais que têm como objetivo suprir as necessidades informacionais do indivíduo.

A interdisciplinaridade na atuação é outra característica em comum da Ciência da Informação e da Biblioterapia, pois a primeira possui vertentes conceituais e de atuação que se identificam com diversas áreas, como Tecnologia, Psicologia, Biblioteconomia. A segunda é uma atividade que abrange a participação de diferentes profissionais com competências específicas para atuação.

Neste contexto, destacam-se os profissionais atuantes, que para a Ciência da Informação precisam ter competência para lidar com a informação em todo processo informacional, tendo o bibliotecário como um desses agentes informacionais. Para a Biblioterapia, depende do tipo de atuação, tendo basicamente médico, psicólogo, psiquiatra, educador e bibliotecário, em que cada profissional pode contribuir segundo sua área de atuação. A Biblioterapia é mais associada à Biblioteconomia pelo fato de bibliotecários participarem de tal atividade e pela escolha da biblioteca como ambiente de atuação. Porém, os fundamentos da Ciência da Informação abrangem aspectos da Psicologia e da Comunicação que a Biblioteconomia não aborda. Na sua aplicação, fica claro que o profissional trabalha com informações essenciais e que estas, ao serem compartilhadas, trazem à pessoa uma melhoria na qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. *Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação*. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Orgs.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004. P.70-86.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura, 2007. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - UEL, 2., 2007, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_INFORMA%C3%87%C3%83O\\_E\\_DA\\_LEITURA.pdf](http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O_DA_INFORMA%C3%87%C3%83O_E_DA_LEITURA.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2012.
- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. *Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.* v.15, n. 1/2, p. 54 – 61, jan./jun. 1982.
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge. *Sociologia da comunicação*. Tradução Ana Paula Castellani. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 287 p. (Humanística, 4).
- BROOKES, Bertram C. The foundations of information science: part I: philosophical aspects. *Journal of Information Science*, n.2, p.125-133. 1980.
- BRYAN, Alice I. Can there be a science of bibliotherapy? *Library Journal*, v.64, p.773-776, oct. 1939.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. *Biblios*, v. 6, n. 21/22, ago. 2005.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Biblioterapia: um cuidado com o ser*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p.

CAPURRO, Rafael. *Foundations of information science: review and perspectives*. 2010. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 25 maio 2012.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, B. O conceito de Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr. 2007.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. *Em Questão*, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 57-72, jan./jun. 2009.

FONTENELE, M. F. et al. *A biblioterapia no tratamento do câncer infantil*. Fortaleza: UFC, 1995. Projeto de pesquisa do curso de Biblioteconomia e Psicologia da UFC.

GOMES, Henriette Ferreira. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 9, n. 1, fev. 2008.

GUMIEIRO, V. et al. A Biblioterapia e o papel do bibliotecário. In: CONFERÊNCIA IBERA-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SAÚDE, 1., 2007, Brasília, DF. *Anais...* Brasília, DF: CID/UnB, 2007.

HANNIGAN, Margaret. The librarian in bibliotherapy: pharmacist or bibliotherapist? *Library Trends*, v.11, p. 188-198, oct. 1962.

HASSE, Margareth. *Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico*. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Comunicação e Linguagens)-Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v.53, n.4, p. 257-270. 2002.

- LE COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p.
- LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006.
- MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. *Current studies in Librarianship*, v. 13, n. 1/2, p. 1-5, Spring/Fall 1989.
- MICHAELIS. 2007. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 maio 2012.
- ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. *Comunicações e Artes*, São Paulo, v.11, p. 139-149, 1982.
- OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Tradução Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.
- PEREIRA, Marília M. Guedes. *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. 28. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. 155 p.
- PINTO, V. B. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. *Transinformação*, Campinas, n. 17. p. 31-43, jan./abr. 2005.
- RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set. 1975.
- ROSA, Aparecida Luciene Resende. *As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia*. 2006. 84 p. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Discurso)-Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações, 2006.
- SARACEVIC, T. Information science. *J. Am. Soc. Info. Sci.* 1999, v.50, n.12, 1051–1063.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 104 p.

SILVA, W. P.; PINHEIRO, E.G. A face oculta da biblioterapia na biblioteca universitária: os ditos e os não ditos dos bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008. *Anais eletrônicos...* São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3497.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

SILVERBERG, Lawrence I. Bibliotherapy: The therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention, and training. *Journal of the American Osteopathic Association: Special Communication*, v. 103, n. 3, march 2003.

SMIT, Johanna W; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Lígia. (org.) *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

SMIT, Johanna W; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira. *Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna?* In: Lara, Marilda Lopes de; Fujino, Asa; Noronha, Daisy Pires, orgs. *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. p. 117-132. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002.

VICENTE, Jorge. *Biblioterapia*. 2000. Disponível em: <<http://weblog.aventar.eu/fazdeconta.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/biblioterapia.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 25, p. 84-103, 1º sem. 2008.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, v. 29, n. 2, 1993.